

# AMAE: UMA EMOÇÃO PARA COMPREENDER A PSIQUE JAPONESA<sup>1</sup>

## AMAE: AN EMOTION TO UNDERSTAND THE JAPANESE PSYCHE

Igor de Almeida<sup>2</sup>

Gen Nakao<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar um panorama do conceito japonês de *amae* sob a perspectiva da psicologia cultural. São apresentadas e discutidas diversas publicações científicas desde a publicação do primeiro livro sobre o assunto no ocidente nos anos 1970 (DOI,1973), até as pesquisas atuais, de teor intercultural. O artigo tem início com uma breve apresentação da psicologia cultural e sua importância, passa por um histórico das pesquisas sobre *amae*, discute as possíveis funções culturais do *amae*, sua influência dentro da psicologia clínica, as diferenças entre *amae* e apego, estudos que investigaram *amae* em outras culturas que não a japonesa, e termina com uma reflexão sobre o conceito.

**Palavras-chave:** *Amae*; Japão; Psicologia; Emoção; Interdependência

**Abstract:** This article's main goal is to present an overview of the Japanese concept of *amae* from a Cultural Psychology's perspective. The scientific literature on the topic is presented and discussed, from the publication of the first book on the subject in the West in the 1970s, Takeo Doi's "The Anatomy of Dependence", to current cross-cultural research. The article begins with a brief presentation of cultural psychology and its importance, goes through a history of research on *amae*, discusses the possible cultural functions of *amae*, its influence within clinical psychology, the differences between *amae* and attachment, studies that investigated *amae* in cultures other than Japanese, and ends with a discussion on the concept.

**Key-words:** *Amae*; Japan; Psychology; Emotion; Interdependence

---

1 Artigo submetido em 5/10/ 2020 e aceito em 8/11/ 2020.

2 Professor Adjunto na Otomon Gakuin University (OGU), Osaka, Japão; Doutor em Psicologia Social e Cultural pela Kyoto University, Quioto, Japão; i-almeida@otemon.ac.jp; (ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4599-0442>)

3 Professor Adjunto na Otomon Gakuin University (OGU), Osaka, Japão; Doutor em Psicologia Social e Cultural pela Kyoto University, Quioto, Japão; g-nakao@otemon.ac.jp; (ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1143-2362>)

## INTRODUÇÃO: PSICOLOGIA E ESTUDOS JAPONESES

A Psicologia leva em consideração aspectos culturais do ser humano desde os estudos de Wilhelm Wundt no início do século XX. Porém, aspectos culturais foram geralmente considerados detalhes ou, na melhor das hipóteses, secundários nos estudos psicológicos. Durante os anos 1990, a publicação de artigos e livros influentes (BRUNER, 1990; MARKUS e KITAYAMA, 1991) mostraram que a cultura tem uma influência fundamental no desenvolvimento e funcionamento psicológico das pessoas, e que é de grande importância que aspectos culturais sejam considerados peças-chave em estudos sobre a psicologia humana. Desde então, muitos estudos têm sido conduzidos na subárea da Psicologia Cultural, que visa estudar como características culturais afetam aspectos psicológicos das pessoas, como cognição, atenção, emoção etc. (HEINE; RUBY, 2010).

O principal objetivo deste artigo é apresentar o conceito de *amae* e suas decorrências, que são intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento e funcionamento psicológico japonês, a partir da psicologia cultural. Fazem parte do escopo deste artigo sobre *amae*: a apresentação e definição do conceito; uma revisão de publicações importantes acerca do conceito; as suas funções culturais e influências na psique japonesa; e a possível presença do *amae* em outras culturas. Apesar do viés metodológico oriundo da psicologia, pesquisadores e demais profissionais de diversas áreas com interesse em estudos japoneses podem se beneficiar com o conteúdo apresentado neste artigo.

### O QUE É AMAE

Por volta de 1950, o psiquiatra japonês Takeo Doi foi aos Estados Unidos como estudante de intercâmbio. Durante sua estadia neste país, Doi percebeu que, em muitos aspectos, as relações interpessoais dos americanos diferiam substancialmente das relações pessoais dos japoneses; os japoneses mostrando mais relações codependentes, ou interdependentes, que os estadunidenses. Ele então percebeu que *amae* influenciava profundamente as relações pessoais japonesas e que, portanto, seria a peça-chave para entender a psique japonesa; enquanto nos EUA, e possivelmente em outros países ocidentais, *amae* não teria tanta importância, ao ponto de sequer existir uma palavra dedicada ao conceito em idiomas europeus. Doi apresentou sua teoria em uma série de congressos, artigos e ensaios, até que publicou o livro 甘えの構造 (*Amae no Kôzô*, “A Anatomia da Dependência”<sup>4</sup>) em 1971, traduzido dois anos depois para o inglês sob o título “*The Anatomy of Dependence*” (DOI, 1973). Após essa publicação inicial, Doi e outros pesquisadores publicaram muitos artigos e livros sobre o mesmo tema, bem como sobre temas relacionados ou influenciados pelo conceito de *amae*.

---

4 Tradução dos autores.

A palavra *amae* é a forma substantiva do verbo intransitivo *amaeru* e do verbo transitivo *amayakasu*<sup>5</sup>. Geralmente é utilizada para descrever episódios em que ocorrem as ações descritas pelos verbos; já como uma emoção, *amae* se refere ao sentimento de conexão derivado das ações descritas pelos verbos.<sup>6</sup>

O episódio prototípico de *amae* ocorre no comportamento de uma criança fazendo um pedido aparentemente desnecessário para seus pais. Por exemplo, um menino de 10 anos pede à sua mãe que amarre seu cadarço, e ela atende ao pedido. Nesse caso, a mãe ‘*amayakasu*’ o menino; o menino foi ‘*amaeru*’ pela mãe; e ambos, mãe e filho, experimentaram ‘*amae*’.

Embora o episódio prototípico de *amae* aconteça entre um filho e um dos pais, também existem episódios de *amae* acontecendo entre adultos. Adultos pedindo favores de outros adultos, ou alguém mostrando dependência e manipulando emocionalmente seu parceiro romântico para fazer algo também podem ser considerados episódios de *amae*.

Yamaguchi (2004) propôs duas características essenciais de *amae*. Primeiro, o pedido de *amae* deve ser impróprio para a idade, *status* social ou condição física do solicitante em situações comuns (por exemplo, um menino de 10 anos deve ser capaz de amarrar os próprios sapatos). Em segundo lugar, o solicitante deve acreditar que seu pedido será aceito por sua contraparte (por exemplo, o menino de 10 anos do exemplo sabe que pode fazer esse pedido para sua mãe, mas provavelmente não para alguém desconhecido). Consequentemente, se a solicitação não for considerada inadequada (por exemplo, o menino quebrou o braço, não podendo amarrar os próprios sapatos), por mais que a mãe aceitasse a solicitação, o episódio não seria classificado como *amae*. Por fim, se o pedido for feito a alguém que não deve aceitá-lo (por exemplo, um estranho), ele provavelmente não seria aceito; mesmo se aceito, não seria considerado *amae* devido à falta de presunção de aceitação.

Devido às situações em que ocorre, a palavra *amae* é muitas vezes traduzida como “mimar”, “choramingar”, “adular” ou “fazer beicinho”. Porém, enquanto essas palavras em geral têm conotação negativa, *amae* tem conotação positiva em geral, o que o torna uma peça importante e saliente da cultura japonesa (NIIYA; ELLSWORTH; YAMAGUCHI, 2006).

Behrens (2004) analisou uma série de estudos nos quais participantes japoneses descreveram episódios de *amae*. Com base nessa análise, foram propostas cinco categorias de *amae*, de acordo com o contexto em que ocorrem e seus objetivos: afetivo, manipulativo, recíproco, de obrigação, e presuntivo (ver Tabela 1).

---

5 Apesar de ter a mesma base semântica, *amayakasu* é frequentemente utilizada em contextos negativos, com um significado próximo ao verbo mimar. Já *amae* e *amaeru* são utilizadas em contextos diversos.

6 Há também o adjetivo *amai*, cujo significado comum é “doce”, ao se referir a algum alimento; mas que quando relacionado a uma pessoa pode significar “generoso” ou “leniente”. Segundo Doi (1973), este adjetivo compartilha raízes etimológicas com a palavra *amae* e seu uso também se relaciona ao *amae*.

*Amae* afetivo surge do desejo de proximidade física e afetiva, é a categoria mais discutida por Doi (1973). Este tipo de *amae* ocorre desde a primeira infância, na interação entre o bebê e a mãe, até a fase adulta, em comportamentos brincalhões ou sedutores entre casais. O *amae* afetivo é a única categoria de *amae* que ocorre na primeira infância, não tendo objetivos instrumentais. *Amae* manipulativo tem como motivação alcançar objetivos específicos por meio de manipulação emocional. Ocorre desde a segunda infância, quando uma criança age de maneira a ganhar a atenção da sua mãe, até a idade adulta, quando membros de um casal manipulam uns aos outros para conseguir favores. *Amae* recíproco representa comportamentos conscientes e mutuamente aceitos que servem principalmente a propósitos instrumentais entre amigos íntimos ou casais. Ocorre desde a segunda infância, mas é mais comum na idade adulta. *Amae* obrigatório ocorre geralmente dentro de relações desiguais de poder, entre pessoas que não são íntimas, como entre um vendedor e um cliente ou entre um chefe e um subordinado. Por fim, o *amae* presuntivo não possui carga afetiva e não envolve relação hierárquica entre os envolvidos. Este tipo de *amae* ocorre quando um indivíduo dá pistas do que necessita por meio de seu comportamento, e sua contraparte, devido à circunstância, tende a atender às necessidades do outro indivíduo.

É importante ressaltar que *amae* afetivo, *amae* manipulativo e *amae* recíproco são geralmente considerados como algo positivo, uma vez que fortalecem relações sociais, os envolvidos tendem a desfrutar da relação, e as consequências em geral não são prejudiciais a ninguém. Já *amae* obrigatório e *amae* presuntivo são geralmente considerados como algo negativo, já que faz com que os envolvidos se sintam distantes uns dos outros, e em geral deriva do desejo de asserção de poder de um indivíduo (BEHRENS, 2004).

**Tabela 1:** Classificações de *amae*

	<i>Não-instrumental</i> <i>Amae I - Afetivo</i>	<i>Instrumental</i> <i>Amae II</i> - Manipulativo	<i>Amae III</i> - Recíproco	<i>Amae IV -</i> Obrigatório	<i>Amae V</i> - Presuntivo
<i>Primeira infância</i>					
Motivação	desejo de proximidade física e emocional				
Comportamento	aconchego, procurando ser carregado(a)	-			
Relação	íntima, afetiva, próxima				
Interagente (s)	pais (mãe)				

	<i>Não-instrumental Amae I - Afetivo</i>	<i>Intrumental Amae II - Manipulativo</i>	<i>Amae III - Recíproco</i>	<i>Amae IV - Obrigatório</i>	<i>Amae V - Presuntivo</i>
<i>Segunda infância</i>					
Motivação	desejo de proximidade física e emocional, diversão	alcançar objetivos, manipulação benigna			
Comportamento	aconchego, procurando colo	pegajoso, birra, age desamparadamente	age desesperadamente, faz acordos		
Relação	íntima, afetiva, próxima	íntima, próxima	próxima, confiante		
Interagente (s)	pais (mãe)	pais (mãe)	colegas de escola, amigos		
<i>Idade adulta</i>					
Motivação	desejo de proximidade física e emocional, diversão	alcançar objetivos, manipulação benigna	desejo de proximidade emocional, retribuição de favores	tirar vantagem, abusar de poder, controlar situações	presumir a boa vontade do outro
Comportamento	brincalhão, infantil, coquete	age desamparadamente, egoisticamente, com pequenas pistas	age desesperadamente, faz acordos	demandas excessivas ou irracionais	socialmente inapropriada, sem <i>enryo</i> <sup>7</sup>
Relação	íntima, afetiva, próxima	íntima, próxima	próxima, confiante	não-íntima, <i>status</i> desigual	não-íntima, não-hierárquica
Interagente (s)	parceiro romântico	casal casado	colegas, amigos	chefe, cliente, subordinado	conhecido (a) distante

Fonte: traduzido de BEHRENS, 2004.

## **SELF E FUNÇÃO CULTURAL NO JAPÃO**

O *self*<sup>8</sup> é um conceito de demasiada importância dentro da psicologia, referindo-se à imagem que um indivíduo tem de si mesmo enquanto ser humano. Historicamente, o

7 *Enryo* é um conceito japonês que pode ser traduzido como “deferência”, “autocontenção” ou “hesitação ritualística”.

8 *Self* pode ser traduzido como “si mesmo” ou “auto-imagem”, dependendo da publicação. Neste artigo optei por utilizar o termo em sua versão original em inglês.

*self* foi considerado como a percepção que um indivíduo tem de si mesmo como uma entidade independente e autônoma, que possui uma configuração única de características internas (ex. habilidades, motivações e valores), e cujos comportamentos são consequência desses atributos internos. Considerando que essas características servem para descrever o *self* em culturas ocidentais, mas não noutras culturas, Markus e Kitayama (1991) propuseram uma classificação diferente, com duas possibilidades de *self*. O *self* descrito acima como *self* independente (“*independent self*”), e um segundo tipo chamado *self* interdependente (“*interdependent self*”), que seria então típico de culturas do Leste Asiático, como o Japão, e também de outras culturas não-ocidentais. Este *self* interdependente foi definido como conectado com outros, relacional e contextual. Em suma, indivíduos com *self* independente tendem a se definir como autônomos, automotivados e com identidade separada e independente de outros indivíduos ou contextos; já indivíduos com *self* interdependente tendem a se definir a partir das suas relações com indivíduos a sua volta, vendo a si mesmo como uma parte inseparável do seu contexto social, agindo e se motivando contextualmente.

Devido à sua natureza relacional, *amae* é uma peça fundamental para compreender o *self* interdependente japonês. Como as relações interpessoais são a base para a definição do *self* nessa cultura, o *amae* tem grande importância na formação dos japoneses desde a mais tenra idade. Markus e Kitayama (1991, p. 237) afirmam que “experimentar *amae* em relação a outra pessoa pode ser inerente à formação e manutenção de uma relação interdependente recíproca mútua com outra pessoa. Se a outra pessoa aceita o pedido *amae* de alguém, o relacionamento recíproco é simbolicamente completado, levando a uma forma significativa de auto validação. Se, no entanto, a outra pessoa rejeitar o pedido *amae* de alguém, o relacionamento ficará em perigo”<sup>9</sup>. Dessa perspectiva, a aceitação ou rejeição de *amae* pode determinar se o futuro de um relacionamento será positivo ou negativo, trazendo consequências diretas para o *self*.

Sentimentos positivos que conectam pessoas e fortalecem as relações são importantes para a formação e manutenção do *self* interdependente. No caso japonês, geralmente o *amae* está incluído nesses sentimentos. Em um estudo intercultural, Uchida e Kitayama (2009) analisaram descrições de felicidade produzidas por participantes estadunidenses e japoneses. Em geral, os participantes estadunidenses associaram felicidade com conquistas e realizações pessoais, enquanto os japoneses associaram felicidade com harmonia social. Os autores argumentam que o *amae* pode influenciar a felicidade das pessoas, dado que este conceito é importante nos relacionamentos sociais dentro da sociedade japonesa. Kitayama, Mesquita e Karasawa (2006) realizaram um estudo intercultural em que participantes descreveram com qual frequência e que tipo de sentimentos eram experienciados em uma série de situações sociais. Participantes

---

9 Tradução do primeiro autor.

estadunidenses tendiam a citar sentimentos não-envolventes<sup>10</sup> (ex. orgulho, sentimento de superioridade), enquanto participantes japoneses tendiam a citar sentimentos envolventes (ex. sentimento amigável, *amae*).

## AMAE E TEORIA DO APEGO

A teoria do apego foi proposta pelo psicanalista John Bolby em alguns artigos em 1958, e posteriormente consolidada em uma série de livros. Essa teoria sugere que bebês possuem uma predisposição e necessidade de desenvolver um relacionamento com um adulto cuidador, chamado de figura de apego, para que seu desenvolvimento social e emocional ocorra normalmente. Uma das principais características deste processo é o comportamento de exploração da criança, a figura de apego serve como uma base segura para onde a criança pode voltar sempre que algo estressante ocorre durante a sua exploração do ambiente (BOWLBY, 1958 e 1982).

Principalmente quando do desenvolvimento infantil é levado em consideração, embora existam semelhanças, *amae* e apego são conceitos diferentes. As semelhanças básicas são que ambos os fenômenos se manifestam por volta dos nove meses de idade; em crianças, há um desejo de proximidade e segurança, além de serem facilmente identificáveis em situações de estresse; os comportamentos manifestados em geral colocam e mantêm os envolvidos em contato físico próximo (ex. abraço); pesquisadores interessados nos conceitos costumam distinguir entre formas positivas e negativas dos fenômenos. A principal diferença entre os conceitos é que *amae* é um conceito relacionado à interdependência e harmonia social, enquanto apego está relacionado ao comportamento de exploração, um precursor de autonomia e *self* independente. Outras diferenças básicas incluem: *amae* é mais evidente a partir do final da primeira infância, enquanto apego é mais evidente entre 12 e 18 meses de idade; *amae* é associado ao desejo de conectar-se e unir-se, enquanto apego é associado à necessidade de proteção e cuidados básicos; no tocante a emoções negativas, *amae* é mais associado com solidão e tristeza, enquanto apego é mais relacionado a medo; *amae* positivo se manifesta em situações em que o cuidador pode atender ao pedido da criança, e esta desfruta do *amae*, já apego positivo está relacionado a momentos em que a criança consegue utilizar o cuidado como base de exploração (BEHRENS, 2004; ROTHBAUM; KAKINUMA, 2004).

Na idade adulta, também existem semelhanças e diferenças entre *amae* e apego. A motivação geral surge a partir do desejo de segurança. Nas relações de *amae*, a segurança está relacionada à certeza de lealdade e coesão entre as partes, que surge a partir da estrutura social em que os envolvidos vivem e do relacionamento entre eles. Já no apego, a segurança depende da relação construída entre os envolvidos, e o foco é a possibilidade de um indivíduo lidar com incertezas em relações sociais. Tanto *amae* quanto apego estão diretamente relacionados à inteligência social. No *amae*, os indivíduos necessitam

---

10 Traduções dos autores. Sentimento não-envolvente = *disengaging emotion*; sentimento envolvente = *engaging emotion*.

entender a situação social em que estão e responder de acordo com ela; enquanto no apego, os indivíduos precisam avaliar quem pode prover o apoio emocional que necessitam. Por fim, *amae* e apego ocorrem frequentemente entre pessoas íntimas, porém apenas *amae* pode ocorrer entre indivíduos sem nenhum grau de intimidade (ROTHBAUM; KAKINUMA, 2004)

## **AMAE NO CONTEXTO DA PSICOLOGIA CLÍNICA JAPONESA**

Considerando que a cultura tem uma grande influência em como as pessoas experienciam o mundo, inclusive transtornos mentais (WATTERS, 2011), provedores de saúde mental precisam levar em consideração fatores culturais ao lidar com seus clientes. No contexto de psicoterapia japonês, terapeutas precisam trabalhar com o conceito de *amae* ao lidar com seus clientes.

O conceito de *Amae* influenciou a prática da psicoterapia no Japão principalmente no que se refere à etiologia da psicopatologia, ou seja, sobre a possível origem de um transtorno mental. Profissionais com formação psicanalítica tendem a relacionar desajustes psicológicos no Japão com formas distorcidas de “necessidade de dependência” (ou seja, *amae*) e com uma incapacidade de construir relacionamentos interpessoais adequados com base em tal dependência (IWAKABE, 2008). Por exemplo, com base em estudos de casos clínicos, Takatsuka (2005) discutiu que a falta de *amae* pode ser a razão por trás do fenômeno *hikikomori*<sup>11</sup> entre a população jovem no Japão. Takatsuka argumentou que a população jovem em questão está muitas vezes obcecada pela ideia de independência e autoajuda, o que os impede de buscar a ajuda de outrem quando em necessidade. Quando a população jovem não consegue buscar ajuda, não sabe como agir e cai numa situação de impasse, evitando a tomada de decisões e as interações sociais.

*Amae* também influenciou a visão dos profissionais de saúde mental no Japão sobre o que é uma intervenção psicológica bem-sucedida. Por exemplo, como Doi originalmente acreditava, para a psicoterapia ter sucesso com clientes japoneses, *amae* ou uma “necessidade de dependência” deve ser trazida à consciência (IWAKABE, 2008). Isso vai ao encontro da terapia psicanalítica em geral, na medida em que, ao falar sobre experiências, os terapeutas ajudam os clientes a tornar o inconsciente consciente (COREY, 2009; CORSINI; WEDDING, 2010). Em outras palavras, as experiências *amae* consistem em outra camada do inconsciente, que geralmente é trabalhada na terapia no contexto japonês.

Da mesma forma, do ponto de vista teórico psicanalítico, *amae* pode ser visto como uma forma passiva de amor (DOI, 1973; KUDO, 2016). Nesse sentido, o trabalho

---

11 *Hikikomori* (ひきこもり) é uma forma de retração social severa. *Hikikomori* tem sido frequentemente descrita no Japão e é caracterizada por adolescentes e jovens adultos que se tornam reclusos na casa de seus pais, incapazes de trabalhar ou ir à escola por meses ou anos. É comumente considerado como uma síndrome ligada à cultura japonesa (TEO; GAW, 2010).



do terapeuta também é de auxiliar o cliente a lidar com sua passividade, e com a forma com que essa passividade influencia na sua vida. Ou seja, em vez de ser impulsionado inconscientemente pela própria necessidade de dependência, um cliente idealmente aprende como se relacionar com os outros para que possam construir um senso de confiança no relacionamento por meio de *amae* e interdependência em geral.

## **AMAE EM OUTRAS CULTURAS**

Como mencionado antes, não existe nenhuma palavra em inglês ou português que represente *amae* em sua totalidade. Porém, não é possível afirmar categoricamente que *amae* só acontece entre japoneses ou que nenhuma outra língua possui uma palavra para expressá-la. Quando Doi (1973) discutiu o conceito com outros japoneses, alguns ficaram surpresos que os americanos não têm uma maneira de expressar *amae*, embora seus episódios sejam bastante comuns. Inclusive, em uma edição mais atual de seu livro, Doi (1973, p. 172) relaciona *amae* com o conceito psicanalítico de identificação. Desenvolvido por Sigmund Freud, identificação é um processo inconsciente que envolve a incorporação pela criança das características de seus cuidadores, como aparência, postura e comportamento. Crianças tendem a se identificar com pessoas com as quais elas se sentem conectadas emocionalmente (ETCHEGOYEN, 1985). Além disso, Behrens (2004) discutiu vários estudos nos quais os japoneses usariam a palavra *amae* para descrever situações que acontecem fora do Japão, frequentemente com não japoneses.

Estudos sobre *amae* com indivíduos não-japoneses ou mesmo fora do contexto japonês são incomuns, mas existem.

A fim de investigar se *amae* ocorre em uma cultura diferente da japonesa, Niiya, Ellsworth e Yamaguchi (2006) testaram se a emoção de *amae* ocorre em indivíduos estadunidenses (2006). Neste estudo, participantes japoneses e estadunidenses leram cenários em que um amigo próximo solicitou ajuda deles (condição *amae*), ou de outras pessoas (outras condições). Por exemplo, um amigo entra em contato tarde da noite, e pede para que o participante/outro indivíduo ajude a consertar seu computador quebrado. Participantes de ambas as culturas classificaram os cenários *amae* como envolvendo solicitações que seriam consideradas inadequadas em condições normais, mas que foram aceitas – indo de acordo com a definição de *amae*. Além disso, suas respostas emocionais a esses cenários mostraram semelhanças: um pedido de ajuda de um amigo diretamente ao participante (condição *amae*) elicitou mais emoções positivas, mais proximidade e menos emoções negativas do que um pedido de ajuda de um amigo direcionado a outras pessoas. No entanto, a avaliação da situação foi diferente de acordo com a cultura do participante: os estadunidenses associaram mais controle da situação com a condição *amae* do que com a outra condição, o que não foi o caso com os participantes japoneses. É possível concluir que situações de *amae* podem ser reconhecidas e vivenciadas de maneiras semelhantes nos Estados Unidos e no Japão. Porém, o papel que desempenha em cada cultura é fundamentalmente diferente. Enquanto no Japão *amae* faz parte de

relações interdependentes, nos EUA traz um sentimento de controle da situação, contrário à dependência, que pode estar relacionado ao *self* independente.

Um estudo conduzido por Guérin (2018) comparou falantes de japonês, majoritariamente japoneses residindo no Japão, e não-falantes de japonês de diversas origens. Participantes de ambos os grupos responderam um questionário contendo 28 itens referentes a quatro tipos de *amae*: *amae* infantil-brincalhão; o *amae* “faça algo para mim”; o *amae* carinhoso de toque físico (*touchy amae*); e o *amae* instrumental (*materialistic amae*). Exceto no caso de *amae* instrumental, o grupo de não-falantes de japonês obteve médias significativamente maiores nos itens referentes aos tipos de *amae*, contrariando as expectativas. Este resultado traz mais indícios de que *amae* está presente noutras culturas, apesar de não haver uma palavra específica nos idiomas dessas culturas.

Em um estudo sobre o conceito de amor em geral e dentro de relações amorosas, Ponce-Sakuray (2014) entrevistou casais bolivianos compostos por um membro descendente de japonês e outro não-descendente. Ambos os participantes descendentes de japonês e não-descendentes consideraram intimidade, paixão e compromisso como componentes importantes para o conceito de amor; porém, participantes descendentes de japonês também apontaram *amae* como um componente importante no amor, o que não ocorreu entre os participantes não descendentes. Porém, em relação ao amor dentro de relações amorosas, tanto descendentes de japonês quanto não-descendentes consideraram *amae* como um componente importante; inclusive, não-descendentes consideraram *amae* como um componente predominante neste caso. Interessantemente, esses resultados corroboram um estudo anterior que demonstrou que *amae* é uma peça fundamental para o aumento de intimidade e qualidade de relacionamentos amorosos no Japão (MARSHALL; CHUONG; AIKAWA, 2011).

## CONCLUSÃO

Em suma, *amae* é uma palavra comum na cultura japonesa que se refere a situações específicas, bem como aos sentimentos e consequências sociais dessas situações. De uma perspectiva da psicologia cultural, *amae* está intimamente relacionado com relações interdependentes na cultura japonesa.

Dados os estudos prévios apresentados acima, é inegável que *amae*, ou algo muito semelhante, está presente em outras culturas. Porém, os estudos publicados sobre o fenômeno em culturas que não a japonesa não contemplam o *amae* em sua totalidade. Assim, não é possível concluir se *amae* ocorre com a mesma frequência em diferentes culturas, quais as consequências dos episódios de *amae*, e por que uma palavra que é comum e usada no dia a dia japonês inexistente em idiomas ocidentais.

Apesar de já existir uma vasta literatura acerca do conceito, ainda há uma gama diversa de possibilidades de estudos futuros sobre *amae*, principalmente tratando-se da pesquisa acadêmica no Brasil, onde tal conceito é ainda pouco explorado.

## REFERÊNCIAS

- BEHRENS, K. Y. A Multifaceted View of the Concept of *Amae*: Reconsidering the Indigenous Japanese Concept of Relatedness. **Human Development**, Basel, v. 47, n. 1, p. 1–27, 2004.
- BOWLBY, J. The nature of the child's tie to his mother. **International Journal of Psychoanalysis**, Londres, v. 39, p. 350–373, 1958.
- BOWLBY, J. **Attachment and loss: Vol. 1. Attachment**. 2nd. ed. New York: Basic Books, 1982.
- BRUNER, J. **Acts of Meaning**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.
- COREY, G. **Theory and practice of counseling and psychotherapy**. 8th. ed. Belmont, CA: Thomson/Brooks/Cole, 2009.
- CORSINI, R. J.; WEDDING, D. **Current psychotherapies**. 9th. ed. Belmont, CA: Brooks/Cole, 2010.
- DOI, T. **The anatomy of dependence**. Reprint ed. (2014) Nova Iorque: Kodansha USA, 1973.
- ETCHEGOYEN, R. H. Identification and its vicissitudes. **The international journal of Psycho-analysis**, Londres, v. 66, n. 1, p. 3–18, 1985.
- GUÉRIN, K. **The “sweet” process of Amae and its link to attachment: a cross-cultural study comparing Japanese speaking and non-Japanese speaking individuals**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Department of Psychology, Lunds Universitet. Lund. 2018.
- HEINE, S. J.; RUBY, M. B. Cultural psychology. **WIREs Cognitive Science**, Hoboken, v. 1, n. 2, p. 254–266, mar. 2010.
- IWAKABE, S. Psychotherapy integration in Japan. **Journal of Psychotherapy Integration**, Washington, D.C., v. 18, n. 1, p. 103–125, mar. 2008.
- KITAYAMA, S.; MESQUITA, B.; KARASAWA, M. Cultural affordances and emotional experience: socially engaging and disengaging emotions in Japan and the United States. **Journal of personality and social psychology**, Washington, D. C., v. 91, n. 5, p. 890–903, 2006.
- KUDO, S. **Amae in Japan's psychoanalysis and love in western psychoanalysis**. Yokohama, Japan: Symposium presentation at International Congress of Psychology (ICP), 2016
- MARKUS, H. R.; KITAYAMA, S. Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. **Psychological Review**, Washington, D. C., v. 98, n. 2, p. 224–253, 1991.
- MARSHALL, T. C.; CHUONG, K.; AIKAWA, A. Day-to-day experiences of *amae* in Japanese romantic relationships. **Asian Journal of Social Psychology**, Milton, Queensland, v. 14, n. 1, p. 26–35, 2011.
- NIIYA, Y.; ELLSWORTH, P. C.; YAMAGUCHI, S. Amae in Japan and the United States: an exploration of a “culturally unique” emotion. **Emotion**, Washington, D. C., v. 6, p. 279–295, 2006.
- PONCE-SAKURAY, C. A. Relaciones amorosas en descendientes japoneses. **Ajayu**, La paz, v. 12, n. 2, p. 207–226, 2014.

- ROTHBAUM, F.; KAKINUMA, M. *Amae* and Attachment: Security in Cultural Context. **Human Development**, Basel, v. 47, n. 1, p. 34–39, 2004.
- TAKATSUKA, Y. *Amae no bunka to hikikomori*. **The Japanese Journal of Mental Health**, Tóquio, v. 20, n. 1, p. 13–24, 2005.
- TEO, A. R.; GAW, A. C. Hikikomori, a Japanese culture-bound syndrome of social withdrawal?: A proposal for DSM-5. **The Journal of nervous and mental disease**, Philadelphia, PA, v. 198, n. 6, p. 444–449, 2010.
- UCHIDA, Y.; KITAYAMA, S. Happiness and Unhappiness in East and West: Themes and Variations. **Emotion**, Washington, D. C., v. 9, n. 4, p. 441–456, 2009.
- WATTERS, E. **Crazy like us: The globalization of the Western mind**. London: Constable and Robinson, 2011.
- YAMAGUCHI, S. Further Clarifications of the Concept of *Amae* in Relation to Dependence and Attachment. **Human Development**, Basel, v. 47, n. 1, p. 28–33, 2004.